

OLHARES CONTEMPORÂNEOS DE SEBASTIÃO UCHOA LEITE E JOAQUIM  
MANUEL MAGALHÃES<sup>1</sup>

---

IDA ALVES\*

---

RESUMO

No âmbito do grupo de pesquisa Poéticas da Contemporaneidade (UFF/CNPq), temos procurado desenvolver estudos comparativos entre a escrita poética portuguesa e a brasileira, com a discussão intensificada sobre lirismo, subjetividade e visualidade. Assim, este trabalho provoca o diálogo entre o poeta Joaquim Manuel Magalhães, nome fundamental para a compreensão da poesia portuguesa a partir dos anos 70, e Sebastião Uchoa Leite, poeta dos mais referenciados no panorama contemporâneo da poesia brasileira. Buscamos examinar em suas obras como o olhar se estrutura como ação crítica sobre o mundo, formulando temas próprios a uma realidade urbana de grandes contradições sociais, culturais e identitárias, em que a paisagem é ausente ou desfigurada.

PALAVRAS-CHAVE: poesia contemporânea, visualidade, Joaquim Manuel Magalhães, Sebastião Uchoa Leite.

---

*Abrimos portas, curtos corredores,  
o mento é isso, lumes  
donde tamos o céu roído.*  
(MAGALHÃES, 2001b, p. 21)

*para não sentir  
o peso deste tempo  
embriagai-vos sem cessar  
de vodca  
de poesia  
ou de violência*  
(UCHOA LEITE, 1988, p. 84)

---

\* CNPq – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.  
E-mail: idafalves@gmail.com

Na poesia portuguesa mais recente, já se destacam determinados nomes cujas poéticas praticam diálogos sintomáticos de uma época. São poetas de cerca de quarenta anos, com publicações iniciais a partir dos anos 90, que indicam, em dedicatórias e citações de versos alheios, a escuta atenta de um ou outro poeta considerado por eles uma voz na diferença. Entre essas vozes, um nome frequentemente invocado é o de Joaquim Manuel Magalhães<sup>3</sup>, poeta que se inicia, em 1974, com *Poemas* (edição policopiada num envelope concebido pelo pintor António Palolo) e o livro *Consequência do lugar*. Além do trabalho poético, Magalhães é autor de obras críticas das mais importantes e marcantes para a compreensão do cenário português moderno e contemporâneo, o que leva outro poeta e crítico, Fernando Pinto do Amaral, a afirmar em seu estudo sobre a modernidade e pós-modernidade na poesia portuguesa mais recente, que “de todos os poetas que este percurso tenta acompanhar, é inegável ser Joaquim Manuel Magalhães o que mais se tem preocupado em apoiar a sua escrita numa persistente reflexão sobre o significado da poesia sua contemporânea” (AMARAL, 1991, p. 94).

Embora tenha ficado oito anos sem publicar poesia (de 2002 a 2010), e tenha por opção se ausentado de circuitos habituais de divulgação, a escrita desse poeta e crítico ecoa de maneira singular na poesia portuguesa atual. Tal singularidade parece se fundamentar principalmente por sua atenção rigorosa ao mundo exterior ao sujeito lírico, estabelecendo com radicalidade uma visão crítica que traz à superfície do poema a certeza da desilusão frente a um presente arruinado social e mentalmente. Sem pudor ou limites, seus textos expõem claramente seus valores e atacam com veemência, mesmo com certa violência verbal, tudo o que não lhe satisfaz ou que repudia. “Quem começará, a sério, sem medos políticos, a educação deste povo contra o seu mau gosto, o seu veneno moral, a passividade com que quer sempre voltar ao mesmo? [...] Mas enquanto não se mudar esta colectiva miséria instintual, para quem se anda a falar de livros, para quem se anda a escrevê-los?” (MAGALHÃES, 1981, p. 316).

Se sua crítica é, assim, inegavelmente inteligente e aguda, sua poética não o é menos, pois, atentíssima e amarga, examina o mundo ou a sociedade ou o próprio sujeito, sem complacência. Como o personagem eciano, parece vociferar a cada passo: “corja!” ou, em diálogo mais próximo, parece refletir as posições de um outro poeta e

ensaísta fundamental no panorama português, Jorge de Sena, que nunca se eximiu de dizer o que pensava e o que sentia frente à realidade do mundo e da sociedade (das sociedades) em que viveu.

A poética de Magalhães é, nesse trânsito entre sujeito e mundo, fortemente visual. Há, em geral, um olhar sem condescendência sobre coisas ou pessoas ou situações. Fala da vida cotidiana, corrompida, desfigurada, absurda e solitária e, para isso, o poema estrutura-se a partir de olhares circulantes, intervalares, penetrando entre brechas do real ou manifestando-se em brechas da escrita, na medida em que o poema também se organiza na fricção entre estratos de registro de uma pseudorealidade diária e estratos de lembranças. “Bem-vindo à casa a derradeira. / A terra abre-se / na luz a que são cegas as flores / o luar. / As últimas colinas antes de se ver o rio. / Bem-vindo ao centro, ao ritual, à sombra. / Entre o que não é real e os sentidos / dizem ser o mundo. / Na claridade dolorosa. / Os mortos vigiam-me da água, / grades sábias, gaiotas que desaparecem” (MAGALHÃES, 2001b, p. 90).

Essa visualidade vigilante nos lembra, em outro tom, um poeta oriundo de contexto diverso, frente a realidades outras, embora de mesma língua. No comparativo formal dos poemas, a diferença é grande, mas há algo que os une no tempo que é o nosso: uma constatação pungente de mundo-mercadoria, em que os sujeitos estão mal situados vivendo fragmentariamente, em que o lirismo se manifesta nos restos, nos interstícios da linguagem e do real. São duas linguagens que mais olham do que narram ou afirmam e esse olhar se processa em cortes, em ângulos agudos, em fragmentos de imagens e de sensações, num processamento metonímico do real e da ficção.<sup>4</sup> Falamos do poeta brasileiro Sebastião Uchoa Leite, pernambucano de nascimento, mas carioca por escolha. Estreou em 1960, com *Dez sonetos sem matéria*, mas somente em 1979 volta a publicar poesia, *Antilogia*, livro que recebeu o prêmio Jabuti de Poesia de 1980. Falecido em novembro de 2003, continua sendo um foco de atenção, um lugar poético de paragem e reflexão para a crítica brasileira de poesia.

Aproximamo-nos dessa poética como o leitor de que fala Joaquim M. Magalhães (2001b, p. 8): “[...] aquele que só quer ler e partir para o que é dele com essa leitura”, atraído por sua contenção verbal, por essa espécie de rigor exalado por uma poesia que não se deseja confundida com sentimentos ou confissões. Atrai também um certo humor que

tempera a crítica e o amargor – “[...] toneladas de versos / ainda serão despejados / no wc da (vaga) literatura / ploft! / é preciso apertar o botão da descarga / que tal essas metáforas? / ‘sua poesia é um fenômeno existencial’ / olha aqui / o fenômeno existencial” (LEITE, 1988, p. 111) – humor ausente por completo dos versos portugueses de Magalhães, em que a tensão é permanente e o tom de insatisfação e de questionamento é muito mais fechado.

Teria sido interessante o diálogo pessoal entre os dois poetas de língua portuguesa. Não houve. Talvez seja por isso necessário provocá-lo aqui, ampliando as possibilidades de pensarmos o lirismo em língua portuguesa. Tentemos, pelo menos.

Neste estudo breve, sem poder penetrar realmente na complexidade dessas duas poéticas, queremos trazer à análise, com certa correspondência temporal, um livro de cada um. Do português: *Alta noite em alta fraga* (2001a); do brasileiro, *A espreita* (2000). Já a partir dos títulos temos a configuração do posicionamento lírico: os poemas resultam de olhares que se lançam em atitude vigilante. Em “alta fraga”,<sup>5</sup> o sujeito lírico desloca seu olhar como a luz de um farol, varando a alta noite ininterruptamente; em posição de “espreita”, o sujeito observa, atento, a vida. Em *Alta noite em alta fraga*, um olhar do alto, circulante, processando-se da visão mais ampla para detalhes.

[...]

Quando a sevícia do acordar me enforca  
eu vejo inteiros os navios  
de encontro ao tapume da janela  
e até eles estende-se o cortejo  
de condomínios por suborno nas arribas.  
Que sempre cerrada seja a luz  
e sempre aos meus olhos se iluminem  
os navios que dão logro de se poder fugir.

O alastramento do miasma químico  
e todas as formas de resíduo e conflagração.  
Refulgem as epidemias, outras secretas  
e sabemos que para nenhum deus  
valem as preces, que tudo acaba aqui.  
(MAGALHÃES, 2001a, p. 10-11)

Em *A espreita*, há um olhar delimitado, que se detém inicialmente sobre um fragmento, para expandir-se progressivamente até eclodir os limites iniciais. Se figurássemos geometricamente isso, teríamos o triângulo como boa representação espacial desses olhares agudos, porém em posições invertidas.

O livro de Magalhães, publicado em 2001, é composto de 17 poemas, todos longos, perfazendo uma edição de 81 páginas. Os títulos desses poemas são substantivos como “sangramento”, “acendimento”, “arqueiro” ou sintagmas nominais como “um colchão de rua”, “eco do semeador à noite”, “um pano turvo”, “a cal e canto”. O primeiro poema intitula-se “valvulina”, termo inicialmente antilírico na medida em que designa referencialmente “lubrificante viscoso obtido do petróleo, usado para as engrenagens dos equipamentos mecânicos e caixas de câmbio dos automóveis”;<sup>6</sup> o último poema, “laminagem”, termo também oriundo do trabalho sobre a matéria metálica, laminar os metais, adelgaçá-los em camadas ou, no campo geológico, “adelgaçamento das camadas resultante de dobramentos”.<sup>7</sup> Portanto, os poemas se organizam entre a ideia de um lubrificante necessário ao movimento de engrenagens de uma máquina e a necessidade de trabalho sobre a matéria para lhe dar forma e espessura. Isso calha bem com uma escrita exigente como a desse poeta, que se desenvolve em contínuo movimento de observação, articulando imagens num processo de concentração do olhar, como referimos antes, do mais amplo ao mais estrito.

Acordo para o cansaço da manhã  
com o cheiro das primeiras vozes  
e os motores acesos da casa que principia.  
De novo. Sempre principia. Setas  
que segregam luz dolente, esfarelam  
por dentro de quem não queria  
acordar nunca, esquecido na rasura  
dos lençóis, o empurrão da voraz claridade.

Cada próspera cidade tem no seu meio  
uma cidade de subnutrição, crianças mortas,  
desalojados, desemprego. E em cada cidade  
das mais podres há, num aro de metralhadoras,  
uma cidade da tecnologia, rara  
costura, sobre finança, e medo.

Confundo lucerna com lucarna enquanto  
a tormenta não acaba nunca de passar.  
A pequena janela com a lamparina,  
quase um candil. Brechas; nessa confusão  
esqueço os pisos que se amontoavam  
os materiais falsificados que fracassam,  
a selva da rua que parece sorver calor.  
Ninguém acerta o relógio por um sino.  
[...]  
(MAGALHÃES, 2001a, p. 9-10)

Na maioria absoluta dos poemas que compõem esse livro, o sujeito em primeira pessoa enuncia seu lugar de visão logo nos primeiros versos, e em alguns outros mistura-se a um nós ao longo do texto. O sujeito lírico registra o mundo que o cerca pelos sentidos diversos, mas é, ao fim, pela visão que o poema se organiza como meditação interior ou mesmo curta narrativa de fatos diversos. “[...] A tarde abriu no telhado / um cimo de goivos e o suão desperta / o foco de uma sirene. Chamo os teus olhos / para mostrar a crueldade do dia. [...]” (MAGALHÃES, 2001a, p. 23). A partir desse olhar, os poemas tornam-se espaço de observação da cidade, revelando sua degradação ou falhas ou brechas, qual um navio com rombos a naufragar. Esse posicionamento do sujeito lírico ao mesmo tempo contemplativo (porque perscruta o mundo, a realidade urbana, a vida) e atuante (porque trabalha na escrita, construindo essas máquinas de visão que são os poemas) reatualiza, no contexto poético português contemporâneo, a ideia de “uma poética do testemunho”, em confronto direto com a “poética do fingimento” pessoana, defendida por Jorge de Sena nos idos de 60, o que significa uma compreensão da poesia como uma espécie de ética irrecusável, para além do trabalho estético. “Mas o poema fala, fala de si, / apanha o real porque nele está / quem o escreve, que sou eu / que procuro deixar um sinal / de quanto nos esmagam / a todos os que são nós” (MAGALHÃES, 2001a, p. 38).

Também nos poemas de Magalhães, a paisagem natural é presença constante, mas aparece desfigurada pela expansão urbana e especulação comercial com seus interesses massificadores e populistas. No seu livro de ensaios tão referenciado *Os dois crepúsculos*, em sua segunda parte, com textos sobre a sociedade e a cultura portuguesa em geral, há um artigo intitulado “Sobre praias”, em que o escritor avalia a

transformação da paisagem pela ação deseducada, consumista, alienada do homem português contemporâneo: “Eu não estou a defender que as praias sejam só para alguns [...] O que estou é a dar voz ao pavor, talvez pessoal, sem dúvida aumentado pela mediocridade das situações, de nelas assistir à massificação dos desejos” (MAGALHÃES, 1981, p. 313). Tais preocupações se apresentam igualmente em sua poética, que se constitui como visão<sup>8</sup> autêntica da contemporaneidade em que vive.

Ainda que me digam que não olhe,  
eu vejo. Ainda que me digam faz ginástica  
e a depressão desaparece, nada me resolve.  
Os ruídos sobem de qualquer lugar,  
sintetizadores, martelos, desabamentos  
uma percussão alheia a qualquer justiça.  
Nenhuma janela que não fale  
da construção administrativa dos piores instintos.  
Todo o lixo do humano feito sebo  
em qualquer lugar. Ainda que me digam  
que vivemos em democracia eu digo  
que não sei. Nem direitos nem deveres.  
Um sem remédio ancestral.

Morreu a casa. Matou-a  
o que lhe coube por contemporâneo  
contra a placidez. Os autorizados  
pelo conluio e pela votação.  
Morreu a casa. E o pior  
é não poder partir. [...]  
(MAGALHÃES, 2001a, p. 78)

Apoética de Joaquim Manuel Magalhães, nesse livro, alia um canto de denúncia, de repúdio e de forte indignação social – “Assim armado o país. / As gentes em catástrofe deslocam-se, / deixam por testemunho o abandono e a inépcia. / Uma a uma, uma paisagem é trucidada [...]” (MAGALHÃES, 2001a, p. 80) – a uma consciência lírica que se manifesta em perda, em ausência, fomentando o que consideramos ser uma das marcas da escrita poética portuguesa contemporânea: a preferência pelo elegíaco como o lirismo possível de nosso presente frente a uma tradição bucólica perdida. “Estes poemas querem desordenar-se, quase

nunca / souberam encontrar quem se condoesse. / Há os que procuram, os que procuraram / mas eu só queria quem me procurasse. / Não atingi o deslumbramento, / mas se outros o conseguem / o que tenho é de me calar?/ Julgo que não. Encho apenas o espaço / das coisas para serem esquecidas” (MAGALHÃES, 2001a, p. 63-64).

A subjetividade que se constrói nesses poemas é dolorosa, ferida pelo desencanto do real. Sem poder ou querer alhear-se do mundo que aí está, matéria do lírico possível, experimenta igualmente a constatação de seu amargor e de uma espécie de doença existencial que marca a todos nessa vida de restos, lixo e perdas. Isso gera a tensão permanente desses versos, a sensação também de “sem saída” para seus leitores. Em todo o livro, o léxico suporta esse desencanto ou “acrelirismo”: “esgoto”, “subvida”, “resto”, “lacerada”, “rugosa”, “desconsolo”, “crueldade”, “bílis”, “corrompido”, “infectada” etc. No entanto, ainda é em direção ao leitor que essa poética caminha como em busca de uma saída.

[...]

Cada palavra mistura-se com todas.  
Mas lembra-te que pensei sempre,  
leitor, jardim aberto,  
de algum modo em ti.  
Deixa estar por uns segundos contigo  
estas histórias. Dá-lhes  
algum cuidado. [...]  
Dei-lhe o meu pensamento ameaçado  
por um holofote tenaz.  
Se encontrares nisto algo que te sirva  
recorda-o no teu espírito  
mesmo que nada se possa repetir.

Eu digo para mim que é esta  
a utilidade da poesia,  
a lembrança.  
E que podes ainda, se parecerem vãos  
todos os meus efeitos,  
largá-la de ti e haver proveito  
em não seguires comigo todos os caminhos  
onde ressoam passos do meu precipício.  
(MAGALHÃES, 2001a, p. 60)

Falamos em “acrelirismo”, tomando emprestado o termo a Sebastião Uchoa Leite que escreve “o acrelírico”, no poema “Odores odiosos I”, em *A espreita*. Esse livro, publicado um ano antes do livro de Magalhães, reúne 55 poemas curtos, o menor com 7 versos e o maior, com 23, sendo mais frequente, porém, o poema com 11 versos. Tais poemas encontram-se agrupados em duas partes: a primeira, intitulada “A espreita”, com 42 textos e a segunda, “Antídoto”, com 13.

O que chama logo a atenção do leitor, em diferença à poética de Magalhães, é a economia verbal dos poemas de Uchoa Leite, num ritmo seco, de corte abrupto dos versos, como saltos felinos, metáfora que vamos buscar ao próprio poeta no texto “A linguagem do susto” do livro *Cortes / toques* (1983-1988), recolhido em *Obra em dobras* (1988). Discutindo o conto “Meu tio o Iauaretê”, de Guimarães Rosa, especialmente a sua linguagem, Uchoa Leite chama nossa atenção para uma definição que se pode dobrar sobre sua própria escrita: “A linguagem da felinidade, cheia de silêncios, de saltos e sobressaltos. A linguagem do susto e da atenção. Do que se abate sobre algo e do que sabe ficar agachado, à espreita” (LEITE, 1988, p. 40).

Essa linguagem de felinidade se concretiza num jogo de versos que pode oscilar de duas a nove sílabas, com cortes abruptos, em saltos. “Como evitar / A queda desse carro / Que se dirige para / O canal vazio? / Perdeu a direção do vento / Como vou saltar / Parado no ar / Solto do pesadelo do salto / Não estou morto / Desta vez / Destravei o motor do sono” (LEITE, 2000, p. 85).

A segunda marca de atenção é o domínio de uma subjetividade que pouco diz “eu”, projetando-se em terceira pessoa ou numa segunda, a partir de descrições rente às coisas ou às emoções. “Outro odor: o lixo / Nauseambundo / Que inunda / As calçadas / A água em poças / Ou muros urinados / O fedor / De todos os / Maus odores / No coração / Deste fin-de siècle” (LEITE, 2000, p. 49).

A poética de Uchoa Leite, diversamente da escrita de Magalhães, manifesta uma contenção da palavra e da subjetividade, mas os dois poetas se encontram no olhar ácido ou cortante sobre o mundo, alimentando uma poética também acre e rugosa. Da mesma forma, há um léxico que suporta esse amargor e uma relação com o lírico de não submissão, exigindo portanto de seus leitores um deslocamento de expectativas poéticas ou uma reaprendizagem do que seja efetivamente

o lirismo em nossa contemporaneidade. Aliás, essa é uma questão que mereceria um maior e mais aprofundado desenvolvimento, o que não poderemos fazer aqui, pois se trata de pensar como o lirismo pode responder às tensões deste nosso tempo e como pode se redesenhar a relação entre poeta e leitor que apresentam hoje outras demandas de sentidos (metafóricos e físicos). Escreve Uchoa: “poesia e verdade não dá certo / Não o palco / nem o jogo do falso / Todo poético é inimigo / Visões são vísceras / Um deles viu Marie Antoinette / E as damas de honra / Todas descabeçadas / Ao pensar na Alemanha / Perdia o sono / Quem falou em poesia? / Alguém / Cospo” (LEITE, 2000, p. 80). Deseja ironicamente Magalhães: “[...] Não ser lido por quem lê. Somente / pelos que procuram qualquer coisa / rugosa e rápida a caminho de uma revista / onde fotografaram todo o ludíbrio da felicidade. /Que um poema meu lhes pudesse entregar, / ademais da morte, / um alívio igual ao de atirar os sapatos / que tanto apertam os pés desencaminhados. [...]” (MAGALHÃES, 2001a, p. 21).

Voltando, porém, ao modo como a visualidade se configura na poética de Uchoa Leite, é de se notar também a presença do sujeito lírico em lugares fechados, atravessando com seu olhar a janela para alcançar a realidade cotidiana. A partir de um ponto de observação, o horizonte do poema se abre na reflexão crítica. Trata-se de uma poética visual no seu processamento e não simplesmente na sua temática. O poema se constrói como se pudesse representar o olhar pousando sobre as coisas, penetrando-as, cercando-as.

O título do livro forma-se pelo substantivo *A espreita*, note-se, não a expressão adverbial “à espreita”, mas a ambiguidade, que oralmente não se resolve, nomeia um modo de entender a poesia como espaço de expectativa, de vigilância de si, da escrita e do mundo. Em decorrência dessa vigilância e pela constatação dos descaminhos do sujeito e do mundo, a noção de doença<sup>8</sup> atravessa fortemente essa escrita, mas igualmente se apresenta na do poeta português, a partir mesmo do sentido dicionarizado do termo: “Conjunto de sinais e/ou sintomas que têm uma só causa; moléstia.”, pois os sujeitos líricos dessas duas poéticas captam esses sinais ou enunciam os sintomas de um tempo, de uma sociedade fora de lugar, sem solução.

Esses dois poetas contemporâneos de língua portuguesa convergem assim numa escrita visual que possibilita a configuração da subje-

tividade como um “sair fora de si” (usamos expressão de Michel Collot),<sup>9</sup> articulando a matéria da linguagem com a matéria do mundo a partir de uma fisicidade extremamente presente em corpos que sentem, corpos que vêem, corpos que escrevem: “[...] E metemos os dedos à garganta, / arrancamos a bÍlis para um chão / de cigarros podres, portas de retrete, / o cheiro corrompido dos canais. / AÍ o aparelho do corpo repousou, / a sua carga de pressentimento / cercou-se de toda a rotação da terra. [...]” (MAGALHÃES, 2001a, p. 24); “Daqui de dentro / Por trás dos vidros / Vê-se lá fora / A rua pétrea / De pedestres / Com pressa / Ao sol incósmico / Deslizam / por dentro do vidro / Parecem vir / Do outro lado / Desta mesa / Onde o olho / É outro espelho / Pétreo” (UCHOA LEITE, 2000, p. 37).

#### CONTEMPORARY VIEWS OF SEBASTIÃO UCHOA LEITE E JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

##### ABSTRACT

*The research group* Poéticas da Contemporaneidade (Poetics of Contemporaneity) (UFF/CNPq) has sought to develop comparative studies between Portuguese and Brazilian poetic writing with an intensified discussion on lyricism, subjectivity and visuality. Hence, the present work aims at provoking a dialogue between the poet Joaquim Manuel Magalhães, a key name for the understanding of Portuguese poetry from the seventies, and Sebastião Uchoa Leite, one of the poets taken as a reference in Brazilian contemporary poetry panorama. In their work we aim at examining in how the vision structures itself as a critical action towards the world, formulating themes that belong to an urban reality of severe social, cultural and identity contradictions, where the landscape is absent or distorted.

KEY WORDS: contemporary poetry, visuality, Joaquim Manuel Magalhães, Sebastião Uchoa Leite.

---

##### NOTAS

- 1 A primeira versão deste trabalho foi apresentada, como comunicação, no XXII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (Abraplip), no período de 13 a 18 de setembro de 2009, na Universidade Federal da Bahia. Para publicação neste periódico, o

artigo foi revisto e atualizado em relação à poesia mais recente de Joaquim Manuel Magalhães.

- 2 Nascido em 1945, sua obra inclui os livros de poesia: *Consequência do lugar* (1974), *Dos enigmas* (1976), *Os dias, pequenos charcos* (1981), *Segredos, sebes, aluviões* (1981), *Alguns livros reunidos* (1987 – recolha de poemas de 1974 a 1985, excluindo os livros *Os dias, pequenos charcos* e *Segredos, sebes, aluviões*), *Uma luz com um toldo vermelho* (1990), *A poeira levada pelo vento* (1993), *Alta noite em alta fraga* (2001) e *Consequência do lugar* (2001 – recolha de sua poesia, retomando o título de seu primeiro livro), quatro livros de estudos de poesia: *Os dois crepúsculos* (1981), *Dylan Thomas* (1982), *Um pouco da morte* (1989) e *Rima pobre* (1999), além de uma produção importante de tradução de poesia principalmente de línguas inglesa e espanhola. Em 2010, depois de oito anos de silêncio editorial, publicou *Um toldo vermelho*, obra que constitui nova reunião de seus livros, mas com um traço especial: os poemas sofreram tal processo de cortes e rasuras que acabam por figurar, no novo livro, apenas como traços, restos, vestígios. Frente a esse trabalho de erosão, o seu leitor depara-se, ainda, com a afirmação autoral de que essa publicação *exclui* e *substitui* toda a sua obra poética anterior.
- 3 Miguel Nava também observou esse tipo de processo estudando as poéticas de Joaquim Manuel Magalhães e João Miguel Fernandes Jorge: “[...] Creio é que privilegiando assim a metonímia como mecanismo de apreensão e organização do real (no que se assume a exploração da transparência que o facto de o ‘pôr em imagens’ lhe atribui) – ainda ninguém fizera da persistência do olhar sobre o quotidiano o que se me afigura ser uma das traves-mestras da poética destes textos” (2004, p. 193).
- 4 Em gíria, também fraga pode significar em flagrante delito.
- 5 Dicionário Aurélio eletrônico.
- 6 Idem, *ibidem*.
- 7 Jorge Fernandes da Silveira, em resenha a *Alta noite em alta fraga*, republicada em *Verso com verso* (2003, p. 31), escreve que esse livro “mantém essa antiquíssima, e, hoje, não mais dita idêntica, chama no firmamento da poesia portuguesa: o poema como manifestação apurada de uma sensibilidade indignada por entre a degradação dos sentidos do que engrandece o humano: Só nos resta esperar então morrer?” (p. 81).
- 8 Sobre essa temática na obra de Uchoa, Franklin Alves Dassie desenvolveu estudos que resultaram em sua tese de Doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense – *Cenas e cenários da doença na literatura*, 2011. Vide,

por exemplo, DASSIE, Franklin. Uma dupla cidadania: doença e experiência lírica. In: PEDROSA, C.; ALVES, I. (Org.). *Subjetividades em devir*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 92-98.

9 Cf. Collot, M. *La matière-émotion*. 2. tirage, Paris: PUF, 2005.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Fernando Pinto do. *O mosaico fluido: modernidade e pós-modernidade na poesia portuguesa mais recente*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

LEITE, Sebastião Uchoa. *A espreita*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *Obra em dobras (1960-1988)*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Um toldo vermelho*. Lisboa: Relógio d'Água, 2010.

\_\_\_\_\_. *Alta noite em alta fraga*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Consequência do lugar*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

NAVA, Luís Miguel. *Ensaaios reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Verso com verso*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

VERBETE Sebastião Uchoa Leite. *Dicionário de tradutores literários no Brasil*. Disponível em: <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/SebastiaoUchoaLeite.htm>>. Acesso em: 11 set. 2009.